



O IMPRESSO COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO NO BRASIL OITOCENTISTA E EM MEADOS DOS NOVECENTOS: NOTAS ACERCA DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS (1860-1938)

MIRIANNE SANTOS DE ALMEIDA

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

O IMPRESSO COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO NO BRASIL OITOCENTISTA E EM MEADOS DOS NOVECENTOS: NOTAS ACERCA DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS (1860-1938)

EIXO 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

RESUMO

Na perspectiva da História Cultural, o presente trabalho versa sobre a Educação nos impressos que circularam no Brasil. O objeto de análise é a *Coleção Folhetos Evangélicos*, conjunto de 644 títulos publicados entre 1860 a 1938. Alguns questionamentos permearam a investigação e a construção deste trabalho, a saber: o que a *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunha acerca das práticas educacionais? Como elas estão postas nos papéis envelhecidos? O aporte teórico está pautado nos estudos de Robert Darnton (1990) e Roger Chartier (1996; 1998) que discorrem acerca da circulação de impressos como objetos culturais, das práticas de leitura e da circulação de impressos como instrumentos em potencial para difundir saberes e práticas. Os resultados permitem inferir que as práticas educacionais veiculadas nos impressos abrangem a formação do ser humano em âmbito físico, intelectual e moral.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção Folhetos Evangélicos; Impressos; História do Livro e da Leitura.

ABSTRACT

In the perspective of the Cultural History, the present work is about the Education conveyed in the printed. The analysis object is the *Evangelicals Flyers Collection* a set of 644 titles, published between 1860 the 1938. Some questions permeated the research and the construction of this work, namely: what the *Evangelicals Flyers Collection* witness about educational practices? How are they put in aged papers? The theoretical approach is guided in the studies of Robert Darnton (1990) and Roger Chartier (1996, 1998) who talk about the circulation of printed as cultural objects, reading practices and printed circulation as potential tools to spread knowledge and practices. The results allow to infer that education practices conveyed in the forms include the formation of the human being in physical, intellectual and moral extent.

KEYWORDS: Evangelicals Flyers Collection; Printed; History of Book and Reading.

PALAVRAS INICIAIS...

A história do livro permite reconstruir um mundo a parte, “[...] compreender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato como a palavra impressa influenciou o comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990, p. 109). Nesse sentido, os impressos, aqui analisados, são considerados objetos culturais, fruto de um contexto social que, ao tempo que o legitima, também é instruído por ele. Pensar o impresso como objeto cultural é assumir e refletir a

sua potencialidade de agir diretamente na mentalidade dos leitores que interagem com ele.

Pensar os impressos como objeto cultural, instrumento de difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas, exige que se tenha em vista o entendimento do que seriam essas práticas. A tríade prática – representação – apropriação sustenta os estudos desenvolvidos por Roger Chartier. Segundo ele, “as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social” (CHARTIER, 1996, p. 21). A compreensão acerca de práticas perpassa as diversas instâncias da produção cultural. Estão aí incluídas as “instituições várias, às técnicas e às realizações – por exemplo, os objetos culturais produzidos por uma sociedade –, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador” (BARROS, 2006, p. 132).

Para Chartier (1996, p. 22), “são práticas culturais a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino”, mas também os modos como, em uma dada sociedade, “os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros”.

Destarte, este texto condensa os reflexos de práticas educacionais e religiosas veiculadas nos títulos da *Coleção Folhetos Evangélicos* e projetadas para auxiliar a prática docente, a organização de escolas dominicais, impressos que ditam os alicerces de instituições educacionais protestantes, desde a organização da sala ao método utilizado e a postura adotada pelo professor, a educação no ambiente familiar e a instrução de leigos em diferentes faixas etárias.

A referida coleção, objeto de análise neste artigo, é composta por 47 volumes que totalizam 644 títulos entre livro, livreto, folheto, opúsculo, jornais e revistas. Os títulos que foram publicados no período de 1860 a 1938 pertenceram ao Reverendo Vicente Themudo Lessa e, atualmente, constitui o acervo do Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, localizado na 1ª Igreja Presbiteriana Independente na cidade de São Paulo.

Norteadas pela perspectiva da história do livro e da leitura, entendo que é pertinente considerar os livros “[...] pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto [...] mas também pelo que são: objetos da arte da palavra” (VENANCIO, 2010, p. 489). Uma fonte em potencial para a História da Educação, a “*Coleção Folhetos Evangélicos*” testemunha, mais do que crenças religiosas, concepções e práticas educativas que moldaram o comportamento de grupos sociais num dado contexto” (ALMEIDA, 2013, 16).

O IMPRESSO COMO OBJETO CULTURAL: A EDUCAÇÃO NA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS

O título *Coleção Folhetos Evangélicos* sugere, inicialmente, se tratar de um conjunto de títulos protestantes, no que se refere ao aspecto da produção e do conteúdo. Todavia, em se tratando de uma gama de impressos salvaguardados por um sujeito protestante, a coleção comporta outros temas além do Protestantismo, como Espiritismo, Maçonaria, Catolicismo que, provavelmente, serviu como fonte de conhecimento de correntes ou doutrinas religiosas num contexto marcado por disputas e embates no campo religioso. Dentre tais temas, alguns impressos versam sobre a educação escolar, a formação e o perfil do professor, a instrução no lar e outros.

Segundo Almeida (2013) dentre o 644 títulos, 106 impressos destacam-se como material pedagógico ou de instrução sobre Escola Dominical, Educação no lar, Catecismos, Hinários e Instrução Pastoral. Os títulos reunidos conservam pistas do perfil de um difusor de saberes e práticas protestantes, visto que os impressos destinados ao uso nas escolas dominicais foram elaborados para o professor e para o aluno. Já os catecismos, por sua vez, também projetados para as escolas dominicais, foram elaborados para instruir leigos, iniciantes, na igreja, escola, ou no lar. Os hinários foram considerados, neste trabalho, pelo seu potencial pedagógico, à primeira vista pode não inferir uma relação ao ensino, todavia, os títulos analisados na *Coleção Folhetos Evangélicos* apresentam conteúdo e objetivos pedagógicos.

Ainda na categoria ‘Educação’ figuram títulos como *O ensino religioso nas escolas públicas* (1933), produzido em São Paulo e de autoria de Aureliano Fonseca, versa sobre a importância da religião no ambiente escolar. Já o impresso intitulado *Padrões para as escolas dominicais do Brasil*, publicado no Rio de Janeiro, traz informações acerca do papel do professor, da literatura apropriada, da organização da sala de aula das escolas dominicais. Os catecismos também figuram neste grupo, como ferramenta pedagógica para o ensino da fé, elaborados em formato de pergunta e resposta, e, alguns, ilustrados com o alfabeto ou com textos curtos que narram histórias de personagens bíblicos, provavelmente, para atrair a atenção e facilitar a assimilação. (ALMEIDA, 2013, p. 96)

Toda educação, física, intelectual ou moral, consiste na criação do hábito. [...] A ciência da educação estuda o hábito e suas relações com o instinto, com a inteligência e com a vontade religiosa. [...] O ensino da religião, tem como objetivo

prático a formação por meio de exercícios, na acepção pedagógica desta palavra, dos hábitos do homem religioso. O nosso assunto compreenderia então, se não o limitássemos, a educação religiosa por todos os meios a seu alcance – todos os institutos da educação: física, intelectual, desde a escola elementar até a Universidade; e a moral, com a igreja e suas agências educativas – o lar, a escola dominical e o púlpito (KERR, 1925, p. 24).

Extraído de um dos títulos que compõe a *Coleção Folhetos Evangélicos – Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil*, de autoria de W. C. Kerr, publicado em São Paulo pela tipografia Irmão Ferraz, em 1925 – o pequeno trecho reflete a dimensão da educação religiosa, em âmbito físico, intelectual e moral, para além da estrutura física de uma igreja ou escola.

Nesse sentido, penso que a própria circulação do impresso, embutido de ideais, saberes e práticas foi uma ferramenta importante para moldar comportamentos de grupos sociais, títulos que foram difundidos num Brasil oitocentista, e em meados dos novecentos, marcado pela oralidade, levando-se em consideração a massa analfabeta, e pela religião que predominava – o Catolicismo (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2012). Contudo, o que a *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunha acerca das práticas educacionais e religiosas? Como elas estão postas nos papéis envelhecidos?

Muitos dos livros, textos e impressos que a escola considerou adequados para auxiliar o desenvolvimento de suas tarefas não foram, originalmente, destinados à escola, mas por ela utilizados. Assim, por exemplo, livros de catecismo e – tal como prescrevem a Constituição do Império e a lei de 1827 – o Código criminal e a Bíblia foram, em maior ou menor grau, utilizados pela escola para servir como livros de leitura, seja porque o pensamento pedagógico de então considerasse que o objeto fundamental da leitura se identificava ao aprendizado dos conteúdos dos textos que se liam (era o catecismo e o código que deveriam, antes de tudo, ser aprendidos por meio da leitura), seja porque vivia-se, então, numa sociedade em que o impresso pedagógico possuía, ainda, uma produção e circulação muito restritas (BATISTA, 1999, p. 540-541).

Diante de tal escassez, muito mais do que manuais religiosos, os catecismos assumiram o papel de livros didáticos em escolas protestantes, sintetizando, de maneira clara e objetiva, os conhecimentos pertinentes às atividades escolares. A importância do ensino “patenteia-se em outras publicações, parcial ou totalmente voltadas a colaborar para o aprendizado. Mesmo os jornais foram utilizados para tal fim, indo além da publicação de textos para as escolas dominicais” (VASCONCELOS, 2010, p. 101). Alguns jornais, a exemplo do Jornal Batista (1903), deram início a uma seção “cujo objetivo era essencialmente didático. A seção foi efetivamente inaugurada, chamando-se Perguntas e Respostas, recebendo diversas indagações acerca da Bíblia. [...] Tratava-se, portanto, de prover um conteúdo eminentemente pedagógico” (VASCONCELOS, 2010, p. 102). O catecismo, como qualquer outro “livro escolar é compreendido como uma interessante fonte para o estudo do cotidiano e dos saberes” que circularam no Brasil, num dado período, e para “conhecer melhor esse impresso que terminou por se converter na principal referência para a formação e a inserção protestante” (BATISTA, 1999, p. 530-531).

Os protestantes deram ênfase ao impresso e “usavam-no, como aos periódicos, para consolidar a igreja mediante doutrinação e motivação dos fiéis para atenderem às novas formas de comportamento” como vistas a integrá-los na religião Reformada (RIBEIRO, 1981, p. 107). Para Vasconcelos (2010, p. 107), a falta de instrução do povo era um obstáculo “ao aprendizado da doutrina e à participação nos cultos protestantes, informais e discursivos, que caracterizam o início da atuação missionária, tendo no cântico um forte elemento conversionista”, um bom exemplo disso é o título *Hymnos de Evangelização*, publicado em São Paulo, em 1916, pela *Typographia do Estandarte*, localizada à rua Visconde de Ouro Preto, 32, 1916.

À primeira vista, é provavelmente questionável pensar um livrinho de cânticos sob o prisma de seu potencial educativo. Todavia, dediquei-me a pensar o impresso como objeto cultural, produto humano, tanto no âmbito da sua produção quanto no seu uso. Ora, os hinários foram projetados para uso dos membros das igrejas e tinham um caráter pedagógico, à medida que possibilitavam, inclusive aos iletrados, ao aprenderem a música, a incorporação da doutrina e trechos da Bíblia. De tal modo, seu papel extrapolava a função litúrgica, ainda que não se tratasse especificamente de uma publicação dedicada à pedagogia doutrinal.

Que fazes tu por mim?

1 Morri na cruz por ti, morri na cruz para te livrar.

Meu sangue, sim, ver-te, e posso te salvar

Morri, morri na cruz por ti

Que fazes tu por mim?

- 2** Vivi assim por ti, com dor, com dissabor
Sim, tudo fiz aqui, pra ser teu salvador
- 3** Sofri na cruz por ti afim de te salvar
A vida consegui, e breve t'a vou dar
- 4** Eu trouxe a salvação dos altos dos céus
É livre o meu perdão, é grande o meu amor (S/A, 1916, p. 5).

Distribuídos em 14 páginas, 23 cânticos compõem o impresso *Hymnos de Evangelização*, precedidos de um índice. Os hinos presentes no referido título, assim como o transcrito acima, são compostos, em sua maioria, por quatro ou cinco estrofes, sinalizadas pelo numeral em negrito. A organização das frases, rimadas ou não, bem como das estrofes, curtas e com conteúdo, separadas por um espaçamento em branco que sugere uma pausa rítmica, auxiliam a memorização da letra e o aprendizado da canção. Vasconcelos (2010, p. 107) pontua que “a hinologia acompanhou o desenvolvimento do Protestantismo [...] desde cedo, os missionários que chegaram ao Brasil se preocuparam com a produção de hinários”, traduzindo e, em sua maior parte, fazendo versões dos hinos cantados em sua terra natal.

Segundo Ribeiro (1981, p. 155), “todos os cânones de comportamento se modificam no sistema religioso dos convertidos à fé evangélica” e essa alteração se propaga nas diversas instâncias do cotidiano dos fiéis. Nas entrelinhas dos impressos analisados é possível identificar uma espécie de agenda com obrigações, práticas educacionais e religiosas como a assiduidade a igreja, a dedicação do domingo aos deveres e necessidades religiosas, a eliminação de qualquer participação em eventos ou praxes católicas romanas como missa, procissão, culto a santos ou à Maria, além de eliminar imagens de santos ou de Jesus Cristo.

As relações sociais e de lazer também estão incluídas práticas de uma educação protestante, difundida nos títulos investigados. A embriaguês, os jogos de azar, relações extraconjugais eram exemplos de comportamentos abolidos do ciclo social dos adeptos a nova religião.

O ambiente apertado da nova igreja, pouco numerosa, os fiéis contíguos uns dos outros, em contatos primários frequentes, o zelo exacerbado de todos (e não apenas dos pastores) pelo bom relacionamento dos irmãos e pela imagem de nova vida a ser projetada na sociedade (RIBEIRO, 1981, p. 167).

A educação passou a ser vista como um dos principais instrumentos privilegiados para elevar o país ao seu verdadeiro posto, mas faltava determinar qual o tipo de educação mais apropriada para cumprir as exigências do futuro. É a partir da década de 1870 que o Protestantismo missionário norte-americano instala-se definitivamente no Brasil, com suas escolas com ênfase no pragmatismo, na maior participação do aluno, na educação física. Para Ribeiro (1981, p. 184), entre os valores difundidos para construir a almejada “sociedade cristã, nos moldes protestantes, nenhum obteve maior êxito que o da instrução”, pois a leitura da Bíblia é indispensável a fé Reformada.

O impresso intitulado *A educação dos Filhos* (1921) de autoria de Annibal Nora e publicado pela Typographia Nova d&39; O Evangelista, em São Paulo reflete o valor da instrução, intrínseco à nova vida espiritual evangélica:

Ao batizar uma criança o pastor devia receber dos pais o compromisso de ensinar a criança a ler a palavra de Deus. Ao apresentar a criança ao batismo, os pais devem prometer a Congregação ensinar ou mandar ensinar-lhe a ler, para que venha ler por si mesmo a Santa Escritura. [...] Os filhos dos membros da Igreja, e dedicados a Deus pelo Batismo, estão sob a inspeção e governo da Igreja, e dever-se-lhes ensinar a ler (NORA, 1921, p. 3).

A circulação dos impressos, aos poucos, possibilitou a inserção do Protestantismo e, conseqüentemente, o hábito de ler “até das mais rústicas famílias do sertão”. À medida que a nova religião se consolidava, incorporava novos hábitos e práticas nos brasileiros. Segundo Bertinatti (2011, p. 13), os impressos foram adotados também como “material didático nas escolas protestantes e nas escolas dominicais, já que outro objetivo era o de moldar um campo pedagógico baseado nos princípios protestantes”.

No processo de transição do século XIX para o século XX, os ventos republicanos apontam a necessidade de construir a nação, formar o cidadão, o homem público, via educação – redentora dos males sociais. Desse modo, a educação estava associada ao progresso do país, portanto, carecia de um espaço próprio para o funcionamento das escolas e de um método de ensino. Foi empreendido o movimento de renovação da escola primária, promovido pelos primeiros governos republicanos:

Tratava-se não apenas de uma difusão no meio popular e da democratização do acesso à leitura e escrita –

instrumentos culturais cada vez mais valorizados nas sociedades urbanas e nos regimes republicanos –, mas, também, da implantação de uma instituição educativa comprometida com os ideais republicanos e com as perspectivas de modernização da sociedade brasileira (SOUZA, 1998, p. 34).

Naquele momento, a ignorância simbolizava o atraso da nação tomada pelo anseio do progresso. A modernização da sociedade estava atrelada à instrução do povo e, conseqüentemente, o progresso seria alcançado. Nesse sentido, a educação do povo, para o governo, extrapolava um dever, era um interesse – era preciso reformar a instrução pública e estabelecer padrões pedagógicos.

De acordo com Carvalho (2003, p. 25), “educar era a aspiração uníssona que se levantava em todos os países. Não bastava, contudo, ensinar: era preciso saber ensinar”. Diante de tal impasse, os padrões adotados foram mediados por norte-americanos, muitos deles, convertidos ao Protestantismo e atuantes nas instituições educacionais religiosas firmadas no Brasil, é o caso Maria Guilhermina, que

[...] viajou para os Estados Unidos, em 1883, onde permaneceu por um período de quatro anos em busca de uma aproximação com os métodos de ensino lá utilizados [...] conseqüentemente, com o método de ensino intuitivo. [...] Ela converteu-se ao Protestantismo na década de 60 do século XIX, um ano após a chegada de Simonton, primeiro missionário presbiteriano no Brasil. Essa aproximação com os missionários presbiterianos foi o que permitiu à educadora viajar e vivenciar a prática de novos métodos educacionais (BERTINATTI, 2011, p. 64).

A conversão à fé reformada e convívio com missionários e educadores protestantes, oriundos do norte dos Estados Unidos, foi substancial para o conhecimento dos métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos, nos quais ela se especializou estudando em Nova York, na década de 1880. Segundo Bertinatti (2011, p. 64), histórias como a de Maria Guilhermina “reafirmam a aproximação e o domínio que os protestantes apresentaram em relação ao método de ensino intuitivo”, utilizado nas Escolas Dominicais.

Alguns impressos da *Coleção Folhetos Evangélicos* corroboram com a afirmativa da autora, a exemplo do título *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (1925), de autoria de W. C. Kerr. O autor discorre acerca da educação religiosa, sobretudo os métodos que deveriam ser adotados, a importância do professor, o papel do aluno. Discorre, como o próprio título anuncia, acerca da pedagogia religiosa a ser adotada para a formação do homem religioso, levando em consideração as contribuições de Pestalozzi.

No que tange aos aspectos metodológicos, ao propor a organização de uma escola moderna, o autor diferencia a concepção de educação moderna da antiga, exemplificada a partir de uma imagem, na qual estão representados o professor (P), no plano superior, e o aluno, discípulo (D), no plano muito inferior. Na explicação do autor, “com duas linhas acrescentadas à letra P e uma à letra D, se transforma o professor numa grande caneca a derramar sua sapiência numa pequena caneca que transborda sem proveito – o aluno” (KERR, 1925, p. 8).

Para o autor, não se trata de derramar a sabedoria sobre o aluno, com o risco de afogá-lo, mas sim de desenvolver suas faculdades. Nesse sentido, o professor deve exercitar a atividade, de acordo com as leis da natureza, dando à criança apenas o auxílio, nas palavras do autor:

A educação partia de fora para dentro. Era encher a mente da criança como quem derrama com um funil, ainda que transbordasse. Parte, hoje, de dentro para fora: é tratar a criança com grande carinho, como uma planta delicada que tem em si mesmo forças latentes de desenvolvimento. Partindo desse princípio, acompanhando de perto os passos da ciência da educação, procura por à serviço de Deus tudo que a inteligência humana tem descoberto de útil no terreno da pedagogia. Faz mais que isso. Adapta às suas condições especiais os métodos pedagógicos (KERR, 1925, p. 8).

Conforme Bertinatti (2011, p. 66), Pestalozzi defendia a educação como processo que deveria ocorrer de dentro para fora; sendo assim, “era necessário ao professor conhecer o desenvolvimento físico, intelectual e moral do seu aluno, para que compreendesse como ele aprende e então aplicar métodos eficazes”. O professor teria o objetivo, então, de “estimular a criatividade, desafiar seus alunos, auxiliá-los em suas necessidades para não sobrecarregá-los com conteúdos sem que houvesse interpretação e entendimento”.

Os padrões pedagógicos sugeridos pela referida obra coadunam-se com as efervescentes discussões que compunham discurso renovador da escola brasileira, na passagem do século XIX para o século XX. Durante os novecentos, “o esforço para realizar uma escola eficaz numa sociedade em crescimento e transformação foi realmente enorme, em relação a aspectos políticos e normativo-jurídicos e a aspectos didáticos” (CAMBI, 1999, p. 413). O método intuitivo abordado na obra mencionada foi incorporado no Brasil como uma das propostas metodológicas do movimento da

Escola Nova.

Desse modo, a instalação de instituições educativas e a própria circulação dos impressos era essencial para formar o caráter cristão. O acesso à Palavra Sagrada possibilitava a propagação de saberes fundamentais à prática evangélica, como o conhecimento de Deus, o amor para com Deus e o próximo, o respeito para com as coisas de Deus, os hábitos de devoção, obediência à Lei de Deus, atitude para redenção dos pecados, a fé no Salvador, o prazer na companhia do Povo de Deus, a posse de si e o amor para servir a outrem.

Segundo Almeida e Nascimento (2012) As práticas educacionais e religiosas propagadas pela circulação de impressos extrapolavam o ambiente escolar, deveriam ser externadas no âmbito do convívio social. O combate à ociosidade, ao uso do álcool e à prática dos jogos de azar, as instruções quanto a regras de higiene, os modos de administrar as finanças e o patrimônio, orientações ao trabalho intenso, à poupança e à acumulação são exemplos de práticas refletidas nas páginas envelhecidas da *Coleção Folhetos Evangélicos*.

PALAVRAS FINAIS...

Na *Coleção Folhetos Evangélicos* foi possível apreender ideários que deveriam ser inculcados na população, imprimindo no cotidiano dos fiéis a prática da leitura e o exercício da fé, e estas são indissociáveis. As práticas educacionais e religiosas veiculadas nos impressos abrangem a formação do ser humano em âmbito físico, intelectual e moral.

Entre impressos pedagógicos para orientar o professor quanto ao seu papel, os métodos que poderiam ser adotados, o papel do aluno, havia as publicações de instrução pastoral, sugerindo pistas de como conquistar novos adeptos à religião protestante; impressos destinados aos pais sobre a educação familiar, com orientações para conduzir a educação dos filhos no caminho do Senhor, catecismos projetados para difundir a doutrina religiosa para crianças e adultos refletem a amplitude das práticas educacionais e religiosas postas em circulação, destinadas ao lar, a escola, a igreja, a um contexto social.

Além disso, a presença de hinários e catecismos também corrobora e configura a disseminação de saberes e práticas educacionais e religiosas, pautada no movimento circular, pressupondo a possibilidade de acesso aos saberes e palavras impressas àqueles que, porventura, não soubessem ler e poderiam aprender a doutrina aprendendo as músicas ou o diálogo apresentado nos catecismos.

FONTE E REFERÊNCIAS

FONTE

Coleção Folhetos Evangélicos. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).
- ALMEIDA, Mirianne Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Nota prévia acerca da circulação de impressos no Brasil: a *Coleção Folhetos Evangélicos*. **Revista Leitura. Teoria & Prática**, v. 58, p. 1-7, 2012.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 529-576.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2. ed. Brasília: UNB, 1998.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.
- LAJOLO, Marisa. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**. Brasília, n° 69, p. 1-7, 1996. Disponível em . Acesso em: 1 ago. 2012.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1998.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; ALMEIDA, Mirianne Santos de. Circulação de impressos no Brasil: considerações sobre os catecismos protestantes. In: Miguel André Berger; Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento. (Org.). **Imprensa, Impressos e Práticas Educativas**: Estudos em História da Educação. Fortaleza: UFC, 2012, p. 23-44.

RABACA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira**: aspectos da implantação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Brasileira, 1981.

VENANCIO, Giselle Martins. Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815-1900).

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 489-502.

Mirianne Santos de Almeida[1]

[1] Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes. Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/Unit/CNPq). E-mail: mirianne_almeida@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2015
Aprovado em: 06/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: